

Skólia: récita e certame nos simpósios gregos

José Leonardo Sousa Buzelli*

RESUMO: Este artigo introduz, transcreve e traduz os *skólia* gregos (gênero de canções conviviais executadas em simpósios) preservados por Ateneu de Náucratis no décimo quinto livro de seu *O Banquete dos Sábios*.

Palavras-chaves: *skólia* gregos; poesia grega clássica; Ateneu de Náucratis

Skólia: recitation and contest in Greek symposia

ABSTRACT: This article introduces, transcribes and translates into Portuguese the Greek *skolia* (a genre of convivial songs executed in the symposia) preserved by Athenaeus of Naucratis in the fifteenth book of his *The Learned Banqueters*.

Keywords: Greek *skolia*; Greek classical poetry; Athenaeus of Naucratis

Introdução

À determinada altura do décimo quinto livro d’*O Banquete dos Sábios* (693f-694c), Ateneu de Náucratis transcreve uma série de canções conviviais às quais chama de *skólia*, gênero poético destinado à récita em simpósios, já então (c. 200 d.C.) antigo e reputado pelos autores que o teriam praticado – como Praxila, Alceu, Anacreonte e Píndaro, entre outros.¹ Persistem dúvidas, porém, acerca da real etimologia de *skólion*,² e uma definição precisa de o que ele seja está longe de ser consensual.

O mais antigo registro conhecido do termo está num fragmento de um poema composto por Píndaro (c. 518 - c. 446 a.C.) em comemoração às vitórias de Xenofonte de Corinto nas Olimpíadas de 464 a.C. – atribuindo-as à intercessão de Afrodite, o atleta acabou por levar cem prostitutas ao templo da deusa para que a venerassem com ele. Justamente nessa ocasião teria sido entoado um *skólion* – termo que aqui parece designar versos de temática leve, zombeteira até – composto por Píndaro:³ “Mas admiro-me do que dirão de mim os déspotas do Istmo ao descobrirem um tal começo deste delicioso *skólion* em comunhão com mulheres públicas”.⁴ Segundo um tratado

* Bacharel em Letras, Mestre e Doutor em Teoria e História Literária (IEL/Unicamp). Editou e traduziu os *Fragmentos de Poesia Épica e Cômica da Grécia Antiga & Vidas de Homero* (Odysseus Editora, 2019) e, no Pós-Doutorado, a *Alexiada* de Ana Comnena. Também estudou Cinema na ECA/USP e na London Film School.

¹ Ver nota 15 para uma lista de fontes antigas (e modernas) que atribuem *skólia* a esses e a outros poetas.

² Alguns acadêmicos chegaram a sugerir que a palavra *skólion* seria de origem eólica (e.g. TEODORSSON, 1989, p. 132) ou lídia (e.g. LAMBIN, 1993, pp. 35-6). Ambas as propostas estão hoje desacreditadas.

³ Athenaei *Deipnosophistae*, 573f: “δὲ καὶ σκόλιον τὸ παρὰ τὴν θυσίαν ἄσθεν”. De Píndaro, também a *Ode Olímpica* 13 celebra as vitórias desportivas de Xenofonte de Corinto.

⁴ Pindarus, fr. 122.13-15 Snell-Maehler, transmitido por Ateneu, 574b (no final deste artigo o leitor encontrará o texto grego e a tradução da íntegra do fragmento).

outrora atribuído a Plutarco, Píndaro também teria apontado Terpandro (*fl.* c. 647 a.C.) como o inventor dos *skólia*.⁵

Poucas décadas depois, em Aristófanes (c.450 – c.386 a.C.), a palavra aparece associada a um certame poético ocorrido no contexto privado dos simpósios, designando antes uma prática poética do que um gênero.⁶ Em trecho d’*As Vespas* (peça produzida em 422 a.C.), lemos:

SENTEASCODECLÊON: . . . Pois eu sou agora Clêon e começo cantando a canção de Harmódio, e tu a recebes: “Nunca nasceu em Atenas nenhum homem” —

AMACLÊON: — “que fosse tão canalha e ladrão” . . .

SENTEASCODECLÊON: E quando Teoro, reclinado junto aos pés de Clêon, agarrar a mão direita deste e cantar: “Aprende a história de Admeto, camarada, e ama os bravos”, que *skólion* recitarás em resposta?

AMACLÊON: Serei musical: “Não é possível se fazer de raposa, nem se tornar amigo de ambos”.⁷

Por fim, comentadores antigos posteriores fariam *skólion* derivar dos adjetivos *skoliós* (“oblíquo”, “recurvado”, “sinuoso” ou “tortuoso”) ou *dýscolos/dyscolía* (“difícil”, “enigmático”).⁸ Escreve Ateneu:

Os *skólia* são assim chamados não porque seu estilo lírico fosse tortuoso (*skoliós*) – uma vez que chamam as canções de métrica livre de tortuosas (*skoliá*) –, mas, segundo diz Ártemon de Cassandreia no segundo livro de *Do Uso dos Livros* (fr. 10, *FHG* 4.342), as canções executadas em festividades são divididas em três gêneros: o primeiro é o que todos costumam cantar; o segundo é o que todos cantam, não (*sc.* em grupo), mas numa sequência de sucessão contínua; o terceiro vem ao final de todos, e nem todos participavam, apenas os que eram considerados os mais engenhosos, estivessem posicionados onde estivessem. Por isso, pela certa desordem – mas apenas em comparação com os demais gêneros, por nem cantarem juntos, nem numa sequência normal, mas onde quer que estivessem sentados –, este gênero era chamado de tortuoso (*skólion*).⁹

⁵ [Plutarchi] *De Musica*, 1140f: “εἰ δέ, καθάπερ Πίνδαρός φησι (fr. 129 Turyn), καὶ τῶν σκολιῶν μελῶν Τέρπανδρος εὐρετὴς ἦν”.

⁶ Prática talvez similar àquela retratada no *Certame de Homero e Hesíodo*, no qual o poeta beócio desafia constantemente Homero a dar sentido a versos que, se lidos sozinhos, soam disparatados ou despropositados. Para uma tradução do *Certame*, ver meus *Fragmentos de Poesia Épica e Cômica da Grécia Antiga* (São Paulo: 2018, pp. 440-61), ou as traduções de Heinrich A. Bunsen (1974, pp. 55-70) ou Jaa Torrano (2005, pp. 215-24).

⁷ Aristophanis *Vespae*, 1224-7/1236-42: ΒΔΕΛΥΚΛΕΩΝ· . . . καὶ δὴ γάρ εἰμ' ἐγὼ Κλέων, | ἄδω δὲ πρῶτος Ἄρμοδιου, δέξει δὲ σύ. | “οὐδεὶς πόποτ' ἀνήρ ἔγεντ' Ἀθήναις —”

ΦΙΛΟΚΛΕΩΝ· — οὐχ οὕτω γε πανοῦργος <οὐδὲ> (suppl. Bergk) κλέπτης.” . . .

ΒΔ· τί δ', ὅταν Θέωρος πρὸς ποδῶν κατακείμενος | ἄδη Κλέωνος λαβόμενος τῆς δεξιᾶς | “Ἀδμήτου λόγον, ὃ ταῖρε, μαθὼν τοὺς ἀγαθοὺς φίλει —” | τοῦτ' εἰ λέξεις σκόλιον;

ΦΙ· ὀδικῶς ἐγώ. | “οὐκ ἔστιν ἄλωπεκίζειν, | οὐδ' ἀμφοτέροισι γίνεσθαι φίλον.”

⁸ Scholia in Aristophanis *Vespae*, 1222a: “λέγεται τὰ μέλη σκολιά εἶρηται διὰ τὴν δυσκολίαν”.

⁹ Athenaei *Deipnosophistae*, 694a-b: “σκόλια δὲ καλοῦνται οὐ κατὰ τὸν τῆς μελοποιίας τρόπον ὅτι σκολιὸς ἦν — λέγουσιν γὰρ τὰ ἐν ταῖς ἀνειμνείαις εἶναι σκολιά — ἀλλὰ τριῶν γενῶν ὄντων, ὡς φησὶν Ἄρτέμων ὁ Κασανδρεὺς ἐν δευτέρῳ Βιβλίῳ Χρήσεως, ἐν οἷς τὰ περὶ τὰς συνουσίας ἦν ἀδόκιμα, ὧν τὸ

Ignora-se quem tenha sido a fonte imediata de Ártemon, embora as descrições acima concordem com as atribuídas a Dicearco, discípulo de Aristóteles citado num antigo comentário ao *Górgias* de Platão:

De *skólion* é chamada a composição regada a vinho, segundo Dicearco em *Acerca dos Certames Musicais* (fr. 88 Wehrli), porque havia três gêneros dessa composição: aquele cantado por todos; <aquele cantado> por cada um em sequência; <aquele cantado> pelos mais engenhosos numa ordem ao acaso, chamado, por causa dessa ordem, de “tortuoso” (*skólion*).¹⁰

O mesmo comentário faz referência às opiniões de Aristoxeno (nasc. c. 370 a.C.) e do músico Fílis, para os quais *skólion* derivaria do modo como os convidados eram dispostos – de forma irregular – nas cerimônias de casamento, quando “provérbios e impetuosas composições amorosas” eram executados.¹¹ Diferente explicação é dada por outro comentário à mesma passagem de Platão, no qual se diz que os *skólia* foram assim chamados “por antífrase”, justamente por serem curtos e fáceis de cantar,¹² e um etimologista afirma que, embora fossem simples, os poemas eram recitados de forma tortuosa (*σκολιῶς*) por simposiastas embriagados.¹³

A partir de todas essas fontes (e de outras mais), Derek Collins (2004)¹⁴ chega a quatro diferentes definições dos *skólia*: 1) composições líricas de Terpandro, Safo, Alceu, Estesícoro, Simônides, Píndaro, Anacreonte, Praxila, Aristóteles etc.,¹⁵

μὲν πρῶτον ἦν ὁ δὴ πάντας ἄδειν νόμος ἦν, τὸ δὲ δεῦτερον ὁ δὴ πάντες μὲν ἦδον, οὐ μὴν ἀλλὰ γε κατὰ τινα περίοδον ἐξ ὑποδοχῆς, <τὸ> (suppl. Kaibel) τρίτον δὲ καὶ τὴν ἐπὶ πᾶσι τάξιν ἔχον, οὗ μετεῖχον οὐκέτι πάντες, ἀλλ’ οἱ συνετοὶ δοκοῦντες εἶναι μόνοι, καὶ κατὰ τόπον τινὰ εἰ τύχοιεν ὄντες· διόπερ ὡς ἀταξίαν τινὰ μόνον παρὰ τάλλα ἔχον τὸ μήθ’ ἅμα μήθ’ ἐξῆς γινόμενον ἀλλ’ ὅπου ἔτυχεν εἶναι σκόλιον ἐκλήθη”.

¹⁰ *Scholia Platonica* (ed. Greene), *Gorgias*, 451e (2): “σκολιὸν λέγεται ἢ παροίνιος ῥῆθι, ὡς μὲν Δικαίαρχος ἐν τῷ περὶ Μουσικῶν Ἀγώνων, ὅτι τρία γένη ἦν ῥῥῶν τὸ μὲν ὑπὸ πάντων ἀδόμενον, <τὸ δὲ> καθ’ ἓνα ἐξῆς, τὰ δ’ ὑπὸ τῶν συνετωτάτων ὡς ἔτυχε τῇ τάξει, ὃ δὴ καλεῖσθαι <διὰ τὴν τάξιν> (suppl. Edmonds) σκολιόν”.

¹¹ *Idem, ibidem, ibidem*: “ὡς δὲ Ἀριστόξενος (I 285, 59) καὶ Φύλλιος ὁ μουσικός, ὅτι ἐν τοῖς γάμοις περὶ μίαν τράπεζαν πολλὰς κλίνας τιθέντες, παρὰ μέρος ἐξῆς μυρρίνας, ἦδον γνώμας καὶ ἐρωτικά σύντονα”.

¹² *Idem, ibidem*, 451e (3): “εἰρησθαι δὲ αὐτὸ σκολιὸν κατ’ ἀντίφρασιν, ὅτι ῥάδια καὶ ὀλιγόστιχα ὡς ἐπιγράμματα ἦδετο”. Mas cf. Fócio (*Bibliotheca*, codex 239, 321a), que nos informa que Proclo discordava dessa explicação.

¹³ *Etymologicum Magnum*, 718.35: “σκολιά· . . . ἀπὸ τοῦ μεθύουσι καὶ σκολιῶς ἔχουσι τὰ αἰσθητήρια ἄδεσθαι”.

¹⁴ Diz Collins que essa divisão se baseia em parte na de Massimo Vetta (1983). Parafraseio Collins neste parágrafo.

¹⁵ Collins (*ibidem*) lista as seguintes fontes: Terpandro: [Plutarco], *Acerca da Música*, 1140f. • Safo: escólio de Aristófanes, *As Vespas*, 1240; Plutarco, *Questões Convivais*, 711d. • Alceu: Aristófanes, *Os Comensais*, fr. 235 K.-A. (= Ateneu, 694a); Aristóteles, *Política*, 1285a37-40. • Estesícoro: escólio de Aristófanes, *As Vespas*, 1222. • Simônides: escólio de Aristófanes, *As Vespas*, 1222. • Píndaro: fr. 122 Snell-Maehler. • Anacreonte: Aristófanes, *Os Comensais*, fr. 235 K.-A. (= Ateneu, 694a). • Timocreonte: escólio de Aristófanes, *Acâmios*, 532. • Meleto: Aristófanes, *As Rãs*, 1302. • Praxila: Ateneu, 694a; escólio de Aristófanes, *As Vespas*, 1240. • Pitermo: Ateneu, 625c. • Híbias: Ateneu, 695f-696a. • Aristóteles: Ateneu, 696b.

Além disso, a Simônides, Epicarmo, Aristóteles ou Escléria foi atribuído o *skólion* PMG 890; a Alceu, PMG 891; a Calístrato, PMG 893-6; a Praxila, Safo ou Alceu, PMG 897; a Píndaro, PMG 898; a Híbias de Creta, PMG 909; e a Pitermo de Teos, PMG 910.

O escólio a Aristófanes (*Vespas*, 1222a) na verdade diz que canções de Simônides e Estesícoro eram executadas nos simpósios, mas não as chama de *skólia* (“καὶ γὰρ ὁ ἐξ ἀρχῆς δάφνην ἢ μυρρίνην κατέχων ἦδε Σιμωνίδου ἢ Στησιχόρου μέλη ἄχρις οὗ ἦθελεν, καὶ μετὰ ταῦτα, ὃ ἐβούλετο ἐδίδου, οὐχ ὡς ἡ τάξις ἀπῆται”).

chamadas por fontes antigas de *skólia* ou *σκολιὰ μέλη* (“canções tortuosas”), cujo modo de execução desconhecemos; 2) breves composições em métrica eólia como as coletadas por Ateneu (em 694c-695f), executadas nos simpósios da forma descrita por este e por Dicearco; 3) composições poéticas dedicadas a um determinado assunto (como as canções de Têlamon, Admeto e Harmódio¹⁶), ou trechos de Álcman, Simônides, Estesícoro etc., com frequência executados pelos simposiastas mais engenhosos ao som da lira; 4) versos improvisados como resposta a um desafio poético ou a determinada situação, com frequência também em métrica eólia, forçosamente efêmeros e de difícil atribuição a determinado poeta.¹⁷

•

A maioria dos *skólia* áticos coletados por Ateneu versa sobre temas leves e divertidos – um feito patriótico, um comentário ligeiro sobre a vida ou sobre os deuses, um dito espirituoso, o elogio de um amigo ou parente, uma brincadeira (auto)derrisória, um provérbio, temas amorosos –, e eles talvez fossem executados ao som de liras e flautas. Segundo Collins (2004), aristocratas rivais aproveitariam esses poemas para sondar jocosamente as tendências políticas de seus companheiros, introduzindo neles leves variações com o intuito de induzir uma reação dos presentes. De extensão curta, duas a quatro linhas na maioria das vezes, estão compostos no ritmo eólio, uma mistura de versos glicônicos e ferecráticos. O verso glicônico forma-se por duas sílabas iniciais, breves ou longas, seguidas de uma longa, duas breves, uma longa, uma breve e uma longa. O ferecrático (nome derivado de Ferêcrates, comediógrafo ativo no século V a.C.) inicia-se com duas sílabas, que igualmente podem ser breves ou longas, seguidas de uma longa, duas breves e duas longas.

O menos característico dos *skólia* talvez seja o de Aristóteles – definido por Ateneu como “único” –, bastante longo (vinte e um versos), uma homenagem a Hérmiás, tirano de Atarneia e tio e pai adotivo da esposa do filósofo, capturado e executado por Artaxerxes III, em 341 a.C., por sua posição favorável a Filipe II da Macedônia. De acordo com Ateneu (696a-b), certo Demófilo, alegando que a composição seria um peã, gênero poético exclusivo dos deuses,¹⁸ processou Aristóteles

Outros fragmentos de Píndaro (123-128 Snell-Maehler) e um de Baquíides (20B Snell) são por vezes classificados como *skólia* por acadêmicos modernos (e.g. por Van Groningen).

Eis o verso d’*Os Comensais* de Aristófanes transcrito por Ateneu (694a): “Toma, canta-me algum *skólion* de Alceu e Anacreonte” (“ἄσον δὴ μοι σκόλιόν τι λαβῶν Ἀλκαίου κάνακρέοντος”).

¹⁶ Acerca de Têlamon, cf. também Teopompo, fr. 65 K.-A.

¹⁷ Alguns improvisos, porém, foram preservados, talvez devido à fama dos autores. É o caso de duas improvisações de Simônides preservadas por Ateneu, uma delas (125c-d = FGE 1032-7) com seis versos. A outra, de um único verso (adaptação da *Ilíada*, 14.33), é transcrita em 656c-d, em trecho que remete ao *Acerca de Simônides* de Cameleonte (fr. 33 Wehrli).

¹⁸ Acerca dos peãs como gênero poético exclusivo dos deuses, ver o resumo de Fócio da *Crestomatia* de Proclo: “Acerca da poesia mélica, (sc. Proclo) diz como ela é múltipla e possui diferentes divisões — pois elas são dedicadas aos deuses, aos <homens, aos deuses e> homens, e a circunstâncias eventuais. Aos deuses são atribuídos o hino, o canto processional, o peã etc. . . . O peã é uma forma de canto prescrito agora para todos os deuses, mas antigamente ele era dedicado especificamente a Apolo e a Ártemis, para que pelo canto cessassem as pestes e as doenças.” (Photius, *Bibliotheca*, codex 239, 319b: “περὶ δὲ μελικῆς ποιήσεώς φησιν ὡς πολυμερεστάτη τε καὶ διαφόρους ἔχει τομάς· ἃ μὲν γὰρ αὐτῆς μεμέρισται θεοῖς, ἃ δὲ <ἀνθρώποις, ἃ δὲ θεοῖς καὶ> (suppl. Severyns) ἀνθρώποις, ἃ δὲ εἰς τὰς προσπιπτούσας περιστάσεις. καὶ εἰς θεοὺς μὲν ἀναφέρεσθαι ἕμνον, προσόδιον, παιᾶνα, κτλ. . . . (320a) ὁ δὲ παιάν ἐστὶν εἶδος ᾠδῆς εἰς πάντας νῦν γραφόμενος θεοῦς, τὸ δὲ παλαιὸν ἰδίως ἀπενέμετο τῷ Ἀπόλλωνι καὶ τῇ Ἀρτέμιδι ἐπὶ καταπαύσει λοιμῶν καὶ νόσων ἀδόμενος”).

por impiedade.¹⁹ Este, por sua vez, teria se defendido nos seguintes termos (fr. 645 Rose):

Pois eu, caso escolhesse sacrificar a Hérmiias como a um imortal, nunca lhe teria erguido uma tumba como a um mortal; nem, se quisesse considerar sua natureza imortal, teria oficiado honras fúnebres para seu corpo.²⁰

Os versos a seguir foram transcritos a partir da edição de Kaibel de Ateneu, e cotejados com as de Page (*PMG*), Olson (também de Ateneu), Edmonds (*Lyra Graeca*), Campbell (*Greek Lyric*) e Race (de Píndaro). As traduções se pretendem poéticas e metrificadas, com alguma adaptação do conteúdo.

1. *Skólia*: transcrição, tradução e anotação

Ateneu, 15.694c (*PMG* 884).

Παλλὰς Τριτογένει', ἄνασσ' Ἀθηνᾶ,
ὄρθου τήνδε πόλιν τε καὶ πολίτας,
ἄτερ ἀλγέων {τε} καὶ στάσεων
καὶ θανάτων ἀώρων, σύ τε καὶ πατήρ.

Palas Tritogenia, deusa Atena,
conduze a cidade e os cidadãos
livres de dores, de sedições,
de mortes precoces – tu e teu pai.

“Tritogenia”, epíteto de Atena já em Homero (*Il.* 4.515 e 8.39, *Od.* 3.378) e Hesíodo (*Teogonia*, 895 e 924), era ora explicado a partir de seu local de nascimento, que Eurípedes (*Íon*, 871-3) dava como sendo o rio ou lago Tritônis na Líbia, ora a partir de *τριτώ*, “cabeça” em eólio, uma vez que ela nascera da cabeça de Zeus (cf. os escólios a Aristófanis, *As Nuvens*, 985, e Tzetzes, comentários a Lícofron, 519). A *Biblioteca Mitológica* de [Apolodoro] une ambas as explicações ao dizer que “Atena saltou armada do topo da cabeça (sc. de Zeus) nas proximidades do rio Tritão” (1.3.6: “ἐκ κορυφῆς (sc. Διὸς), ἐπὶ ποταμοῦ Τρίτωνος, Ἀθηνᾶ σὺν ὄπλοις ἀνέθορεν”). Cf. o *Léxico Suda*, τ 1020 (“Τριτογενής”), para outras hipóteses antigas.

Um pouco menos controverso e igualmente antigo (também aparece em Homero, *Il.* 1.200), Palas provavelmente significa “donzela”, “virgem” (cf. *παλλακή*, “garota”).

¹⁹ Para um estudo detalhado do poema de Aristóteles, de seu contexto histórico, gênero e fortuna crítica, incluindo a acusação de impiedade feita por Demófilo, ver FORD, 2011. Tal acusação talvez tenha sido a causa direta do exílio definitivo do filósofo, que deixou Atenas em 322-321 a.C.

²⁰ Athenaei *Deipnosophistae*, 697a-b: “οὐ γὰρ ἂν ποτε Ἑρμεία θύειν ὡς ἀθανάτω προαιρούμενος ὡς θνητῶ μνημα κατεσκευάζον καὶ ἀθανατίζειν τὴν φύσιν βουλόμενος ἐπιταφίους ἂν τιμαῖς ἐκόσμησα τὸ <σῶμα> (suppl. Kaibel)”. Mas Ateneu faz a ressalva: “se o discurso não for uma fraude” (“εἰ μὴ κατέψευσται ὁ λόγος”).

Ateneu, 15.694c (PMG 885).

Πλούτου μητέρ' Ὀλυμπίαν ἀείδω
Δήμητρα στεφανηφόροις ἐν ὥραις
σέ τε παῖ Διὸς Φερσεφόνῃ
χαίρετον, εὖ δὲ τάνδ' ἀμφέπετον πόλιν.

A Olímpica mãe de Pluto canto,
Deméter, na estação das guirlandas;
também a ti, cria de Zeus, Perséfone:
Salve! e desta pólis cuidai bem.

Ateneu, 15.694d (PMG 886).

ἐν Δήλῳ ποτ' ἔτικτε τέκνα Λατώ,
Φοῖβον χρυσοκόμαν, ἄνακτ' Ἀπόλλω,
ἐλαφηβόλον τ' ἀγροτέραν
Ἄρτεμιν, ἣ γυναικῶν μέγ' ἔχει κράτος.

Em Delos gerou seus filhos Leto:
o loiro Febo, senhor Apolo,
e a caçadora que flecha cervos,
de grão poder sobre as fêmeas, Ártemis.

Ateneu, 15.694d (PMG 887).

ὦ Πάν Ἀρκαδίας μεδέων κλεενᾶς,
ὀρχηστὰ βρομίαις ὀπαδὲ Νύμφαις,
γελάσειας ὦ Πάν ἐπ' ἐμαῖς
εὐφροσύναις, ἀοιδᾶ κεχαρημένος.

Ó Pã, senhor da famosa Arcádia,
dançante junto às ruidosas Ninfas,
queiras rir comigo, Pã, na minha
alegria, co' o canto divertindo-te.

Ateneu, 15.694e (PMG 888).

ἐνικήσαμεν ὡς ἐβουλόμεσθα,
καὶ νίκην ἔδοσαν θεοὶ φέροντες
παρὰ Πανδρόσου †ὡς φίλην Ἀθηνᾶν†.

Triunfamos como desejávamos,
deram-nos a vitória os deuses,
trazida de Pândroso †como amiga de Atena†.

Filha de Cécropis e Aglauro, Pândroso descendia do herói epônimo da Ática e era cultuada na Acrópole ateniense. Cf. [Apolodoro], *Biblioteca Mitológica*, 3.15.1. A expressão “como amiga de Atena” talvez seja uma glosa marginal inadvertidamente incorporada ao texto; apesar disso, alguns estudiosos (como Bergk) sugeriram emendas. A de Edmonds, mais longa, transforma o terceiro verso em dois: “παρὰ Πάνδρῳ <Κεκροπίαν | ἥρα> φίλην <τ’> Ἀθηνᾶν <πολιήχον>” (“<por causa de> Pândroso, <filha de Cécropis,> e de sua amiga Atena, <defensora de cidades>”).

Ateneu, 15.694d-e (PMG 889).

εἴθ’ ἐξῆν ὁποῖός τις ἦν ἕκαστος
τὸ στήθος διελόντ’, ἔπειτα τὸν νοῦν
ἐσιδόντα, κλείσαντα πάλιν,
ἄνδρα φίλον νομίζειν ἀδόλῳ φρενί.

Se conhecer todos fosse possível,
expondo-lhes o peito, daí a mente
examinando – e tornando a fechar –,
e ter por amigo a pessoa honesta.

Cf. Eustácio, *Od.* 1574.16, que também transmite este *skólion* e informa que ele está baseado na fábula esópica em que Momo critica Prometeu por ter feito o homem sem uma porta no peito que permitisse o exame do coração. Cf. Aristófanes, *Assembleia de Mulheres*, 938ss., onde estes versos são parodiados.

Ateneu, 15.694e (PMG 890): de Simônides, ou Epicarmo, ou Aristóteles, ou Escléria.

ὕγιαίνειν μὲν ἄριστον ἀνδρὶ θνητῷ,
δεύτερον δὲ καλὸν φῶν γενέσθαι,
τὸ τρίτον δὲ πλουτεῖν ἀδόλῳ,
καὶ τὸ τέταρτον ἡβᾶν μετὰ τῶν φίλων.

Ser saudável é o melhor aos mortais,
em segundo, ser na aparência belo,
em terceiro, ser rico sendo honesto,
em quarto, ser jovem em meio a amigos.

Poema dos mais citados na Antiguidade. Cf. Platão, 631c, 661a; Clemente de Alexandria, *Miscelâneas*, 4.5.23; escólio a Aristóteles, 1394b13; escólio a Platão, 451e; escólio a Luciano, *De lapsu*, 6; Teodoreto, *Gr. aff. cur.*, 11.14; Estobeu, *Antologia*, 4.39.9; Miguel Apostólio, *Coleção de Provérbios*, 17.48d. Cf. Platão, *Górgias*, 451e: “SÓCRATES: Pois suponho que você tenha ouvido cantar, nos simpósios, o *skólion* no qual os cantores

enumeram os bens, que ‘ser saudável é o melhor’, que em ‘segundo’ lugar vem o ‘ser de natureza belo’, e ‘em terceiro’, conforme diz o poeta do *skólion*, vem ‘ser rico sendo honesto’”. (“οἴομαι γὰρ σε ἀκηκοέναι ἐν τοῖς συμποσίοις ἄδόντων ἀνθρώπων τοῦτο τὸ σκόλιον, ἐν ᾧ καταριθμοῦνται ἄδοντες ὅτι ‘ὑγιαίνειν μὲν ἄριστόν’ ἐστίν, τὸ δὲ ‘δεύτερον καλὸν γενέσθαι, τρίτον δέ’, ὡς φησιν ὁ ποιητὴς τοῦ σκολιοῦ, ‘τὸ πλουτεῖν ἀδόλως’”). Ateneu preserva, no mesmo trecho, versos do comediógrafo Anaxândrides, tirados da peça perdida *Tesouro* (fr. 17 Edmonds):

ὁ τὸ σκόλιον εὐρῶν ἐκεῖνος, ὅστις ἦν,
τὸ μὲν ὑγιαίνειν πρῶτον ὡς ἄριστον ὄν
ὠνόμασεν ὀρθῶς· δεύτερον δ’ εἶναι καλόν,
τρίτον δὲ πλουτεῖν, τοῦθ’ ὄρας, ἐμαίνετο·
μετὰ τὴν ὑγίειαν γὰρ τὸ πλουτεῖν διαφέρει·
καλὸς δὲ πεινῶν ἐστίν αἰσχροὺς θηρίων.

Quem quer que esse *skólion* tenha composto,
que o melhor seja primeiro a saúde
diz certo; mas que em segundo ser belo
venha, e três ser rico, admita, é loucura.
Pois depois de são me importa ser rico:
o belo faminto é feia criatura.

Ateneu, 15.695a (PMG 891): de Alceu.

<καλὸν μὲν> ἐκ γῆς χρὴ κατίδην πλόον,
εἴ τις δύναίτο καὶ παλάμην ἔχει.
ἐπεὶ δὲ κ’ ἐν πόντῳ γένηται,
τῷ παρεόντι τρέχειν ἀνάγκη.

Da terra procure bem navegar,
se acaso puder e tiver a manha;
porém, sempre que em alto-mar se está,
deve-se correr co’ o que quer que venha.

Embora Ateneu não atribua autoria a este *skólion*, ele está também preservado num papiro de Alceu. Edmonds sugere reconstituir o texto, tendo-se em conta o dialeto dórico de Alceu, da seguinte forma: “χρὴ μὲν γὰρ ἐκ γαίας κατίδην πλόον, | αἴ τις δύναίτο καὶ παλάμαν ἔχει. | ἐπεὶ δὲ κ’ ἐν πόντῳ γένηται, | τῷ παρέοντι τρέχην ἀνάγκα’”.

Ateneu, 15.695a (PMG 892).

ὁ δὲ καρκίνος ὧδ' ἔφα,
χαλᾷ τὸν ὄφιν λαβῶν·
ἔϋθὺν χρῆ τὸν ἐταῖρον ἔμ-
μεν καὶ μὴ σκολιὰ φρονεῖν'.

Assim disse o caranguejo,
nas garras tendo a serpente:
“Deve ser o camarada,
franco, sem ter curva a mente”.

Cf. Eustátio, *Od.* 1574.15; fábula esópica 196 (211 Hausrath). A ironia deste *skólion* reside no fato de o caranguejo ser, ele próprio, descrito pelos antigos gregos como “recurvado” e “torto” (cf. *Batracomiomaquia*, versos 294ss., e o epigrama de Estacílio Flaco na *Antologia Palatina*, 6.196).

Ateneu, 15.695a-b (PMG 893): de Calístrato(?).

ἐν μύρτου κλαδὶ τὸ ξίφος φορήσω,
ὥσπερ Ἄρμόδιος καὶ Ἀριστογείτων,
ὅτε τὸν τύραννον κτανέτην
ισονόμους τ' Ἀθήνας ἐποίησάτην.

Trarei a espada em ramo de mirto,
conforme Harmódio e Aristogítton,
como quando o tirano mataram
e igualitária Atenas tornaram.

PMG 893 a 896 fazem referência ao assassinio de Hiparco, irmão do tirano Hípias, em 514 a.C., durante a procissão das Panatenaicas, por Harmódio e Aristogítton. Levaria ainda de quatro a sete anos para que o regime tirânico fosse abolido em Atenas, mas isso não impediu que os amantes fossem celebrados como tiranicidas. Edmonds, com base em Hesíquio, edita estes quatro *skólia* como se fossem um único e longo poema, ao qual inclui ainda um verso tirado de Aristófanes (*As Vespas*, 1226, citado e traduzido acima, na introdução), e atribui o conjunto a Calístrato.

Ateneu, 15.695b (PMG 894).

φίλταθ' Ἄρμόδι', οὗ τί που τέθνηκας·
νήσσοις δ' ἐν μακάρων σέ φασιν εἶναι,
ἵνα περ ποδώκης Ἀχιλλεύς,
Τυδείδην †τέ φασι τὸν ἐσθλόν† Διομήδεα.

Caro Harmódio, não morreste, pois
estás na Ilha dos Abençoados,
onde repousa o ligeiro Aquiles
e Diomedes Tidida (assim dizem).

Cf. escólio a Aristófanes, *Acarnenses*, 980 e 1093a; Aristides, *Orações*, 1.133 Dindorf.

Ateneu, 15.695b (PMG 895).

ἐν μύρτου κλαδὶ τὸ ξίφος φορήσω,
ὥσπερ Ἀρμόδιος καὶ Ἀριστογείτων,
ὅτ' Ἀθηναίης ἐν θυσίαις
ἄνδρα τύραννον Ἴππαρχον ἐκαινέτην.

Trarei a espada em ramo de mirto,
conforme Harmódio e Aristogítton,
que, quando do festival de Atena,
o tirano mataram, Híparco.

Ateneu, 15.695b (PMG 896).

αἰεὶ σφῶν κλέος ἔσσεται κατ' αἴαν,
φίλταθ' Ἀρμόδιε καὶ Ἀριστόγειτον,
ὅτι τὸν τύραννον κτανέτην
ἰσονόμους τ' Ἀθήνας ἐποίησάτην.

Sempre durará na terra a fama,
caros Harmódio e Aristogítton,
de ambos, vós que o tirano mataram
e igualitária Atenas tornaram.

Ateneu, 15.695c (PMG 897): de Praxila, ou Safo, ou Alceu.

Ἀδμήτου λόγον, ᾧ ἑταῖρε, μαθὼν τοὺς ἀγαθοὺς φίλει,
τῶν δειλῶν δ' ἀπέχου, γνούς ὅτι δειλοῖς ὀλίγη χάρις.

Amigo, aprende com Admeto a amar os nobres
e evitar os covardes – sabe-os pouco gratos.

Cf. Aristófanes, *As Vespas*, 1238ss., com escólio; Eustátio, *Il.* 326.38.

O escólio a Aristófanes diz que, embora alguns atribuíssem este dístico a Safo ou Alceu, ele pertenceria a Praxila. Admeto conseguira de Apolo a dádiva de não falecer no dia fixado pelo destino, caso encontrasse alguém disposto a morrer no lugar dele. Pausânias (*apud* Eustátio) explica que “nobres” faz referência a Alceste, esposa de Admeto, que aceitou se sacrificar por ele, e “covardes”, ao pai dele, que se recusou. Cf. Eurípidēs, *Alceste*, *passim*; [Apolodoro], *Biblioteca Mitológica*, 1.8.2 e 1.9.16.

Ateneu, 15.695c (PMG 898): de Píndaro(?).

παῖ Τελαμῶνος, Αἴαν ἀιχημητά, λέγουσί σε
ἐς Τροίαν ἄριστον ἐλθεῖν Δαναῶν μετ' Ἀχιλλέα.

Cria de Têlamon, lanceiro Ájax, tu és (dizem)
dos Dânaos em Troia o melhor – pós Aquiles.

Após Aquiles ser morto por Páris em Troia, suas armas foram disputadas por Ájax e Odisseu, que (segundo a *Pequena Ilíada*, fr. 2) as recebeu graças à intervenção de Atena. Para Ájax (e o anônimo compositor deste dístico), o resultado foi injusto. Cf. Píndaro, *Nemeias*, 7.27; *Il.* 2.768-9; Alceu, fr. 387 (“Αἴαν τὸν ἄριστον πεδ' Ἀχιλλέα”). Têlamon, pai

de Ájax, participou de uma expedição anterior contra Troia, comandada por Hércules, e por isso precede o filho no dístico seguinte. Também Eustácio (*Il.* 285.2 (i 438 van der Valk)) transmite este *skólion* e traz no segundo verso “Aqueus” (*Ἀχαιῶν*) em vez de “Dânaos”. Um escólio de Aristófanes (*Lisístrata*, 1237) parece atribuir este dístico a Píndaro (“ἀρχήτινος σκολίου ‘παῖ Τελαμῶνος αἰχμητά’, περὶ οὗ δεδήλωται ἤδη . . . ὅταν γάρ τις ἄσῃ ἀπὸ τῶν σκολίων Πινδάρου . . .”).

Ateneu, 15.695c (*PMG* 899).

τὸν Τελαμῶνα πρῶτον, Αἴαντα δὲ δεύτερον
ἐς Τροίαν λέγουσιν ἐλθεῖν Δαναῶν μετ’ Ἀχιλλέα.

Dos Dânaos (diz-se) idos a Ílio foi Têlamon
o melhor, Ájax então – pós Aquiles.

Um comentarista do *Górgias* de Platão informa que *skólia* dedicados a Harmódio, Admeto e Têlamon eram entoados no Pritaneo de Atenas (*Scholia Platonica*, 451e (3): “Ἀθήνησιν ἐν τῷ Πρυτανείῳ . . . σκόλια ἤδετο εἰς τινας, ὥσπερ εἰς Ἀρμόδιον, Ἄδμητον, Τελαμόνα”). A coincidência de personagens (e ordenação) com Ateneu (*PMG* 893-9) fez com que Edmonds (*Lyra Graeca* III, pp. 550-1, nota 2) suspeitasse que estes *skólia* circulassem, na Antiguidade, numa coletânea.

Ateneu, 15.695c (*PMG* 900).

εἶθε λύρα καλὴ γενοίμην ἐλεφαντίνη,
καί με καλοὶ παῖδες φέροιεν Διονύσιον ἐς χορόν.

Se eu fosse bela lira de marfim, e ao coro
de Dioniso belos mancebos me levassem.

Dião Crisóstomo (*Orações*, 2.62 (i 30 von Arnim)).

Ateneu, 15.695c-d (*PMG* 901).

εἶθ’ ἄπυρον καλὸν γενοίμην μέγα χρυσίον
καί με καλὴ γυνὴ φοροίη καθαρὸν θεμένη νόον.

Fosse eu por beldade de mente pura
portado, sendo bela taça d’ouro.

Cf. Dião Crisóstomo, *Orações*, 2.62 (i 30 von Arnim).

Ateneu, 15.695d (*PMG* 902).

σὺν μοι πῖνε, συνήβα, συνέρα, συστεφανηφόρει,
σὺν μοι μαινομένῳ μαίνεο, σὺν σῶφρονι σωφρόνει.

Comigo bebe, brinca, ama, festeja;¹
comigo enlouquece e comigo acalma-te.

1. O verbo que traduzo, por questões métricas, como “festeja”, faz referência ao uso de guirlandas nos simpósios.

Ateneu, 15.695d (PMG 903).

ὑπὸ παντὶ λίθῳ σκορπίος, ὃ ἑταῖρ', ὑποδύεται.
φράζευ μή σε βάλῃ· τῷ δ' ἀφανεῖ πᾶς ἔπεται δόλος.

Sob toda pedra se esconde o escorpião:
cuidado! Co' o não visto vem o dolo.

Ateneu, 15.695e (PMG 904).

ἀ ὅς τὰν βάλανον τὰν μὲν ἔχει, τὰν δ' ἔραται λαβεῖν·
κάγῳ παῖδα καλήν τὴν μὲν ἔχω, τὴν δ' ἔραμαι λαβεῖν.

Tem a porca uma noz e deseja outra;
tenho uma bela moça e desejo outra.

Para Campbell (1993), o primeiro verso talvez seja um dito proverbial tradicional, fossilizado em dialeto dórico; já sua paródia (segundo verso) vem no dialeto ático.

Ateneu, 15.695e (PMG 905).

πόρνη καὶ βαλανεύς τωῦτόν ἔχουσ' ἐμπεδέως ἔθος·
ἐν ταῦτᾳ πυέλῳ τόν τ' ἀγαθὸν τόν τε κακὸν λόει.

A puta e o banheiro¹ no hábito igualam:
o bom e o mau na mesma cuba lavam.

1. O *βαλανεύς* era na verdade uma pessoa, o empregado ou proprietário de uma casa de banhos.

Ateneu, 15.695e (PMG 906).

ἔγχει καὶ Κήδωνι, διάκονε, μηδ' ἐπιλήθου,
εἰ {δὴ} χρεὶ τοῖς ἀγαθοῖς ἀνδράσιν οἰνοχοεῖν.

Serve Cêdon, ô criado: não esquecê-lo
convém, se a homens bons tu servires vinho.

Também transmitido por [Aristóteles], *Constituição de Atenas*, 20.5, que omite *δὴ* no segundo verso. Cêdon, um Alcmeônida, teria se revoltado sem sucesso contra os Pisistrátidas.

Ateneu, 15.695e (PMG 907).

αἰαῖ, Λειψύδριον προδωσέταιρον,
οἴους ἄνδρας ἀπώλεσας, μάχεσθαι
ἀγαθούς τε καὶ εὐπατρίδας,
οἱ τότε ἔδειξαν οἴων πατέρων κύρησαν.

Ai, ai, Lipsídrión¹ traizoeiro,
tais varões mataste, combatentes
de nobreza e de boa ascendência,
que então mostraram que pais tiveram!

1. Fortaleza onde os Alcmeônidas teriam resistido ao sítio dos Pisistrátidas. Cf. Heródoto, 5.62.2, e [Aristóteles], *Constituição de Atenas*, 19.3, que também o transmite. Λειψύδριον deriva de λειψυδρία, “falta d’água”.

Ateneu, 15.695f (PMG 908).

ὅστις ἄνδρα φίλον μὴ προδίδωσιν, μεγάλην ἔχει
τιμὰν ἔν τε βροτοῖς ἔν τε θεοῖσιν κατ’ ἐμὸν νόον.

Entre mortais e deuses, de imensa honra
goza o homem que não trai seu amigo, penso.

Ateneu, 15.695f-696a (PMG 909): de Hítrias de Creta.

ἔστι μοι πλοῦτος μέγας δόρυ καὶ ξίφος
καὶ τὸ καλὸν λαισήϊον, πρόβλημα χρωτός·
τούτῳ γὰρ ἄρῳ, τούτῳ θερίζω,
τούτῳ πατέω τὸν ἀδὺν οἶνον ἀπ’ ἀμπέλων,
5 τούτῳ δεσπότης μνοΐας κέκλημαι.
τοὶ δὲ μὴ τολμῶντ’ ἔχειν δόρυ καὶ ξίφος
καὶ τὸ καλὸν λαισήϊον, πρόβλημα χρωτός,
πάντες γόνυ πεπτηῶτες †ἐμὸν†
<— προσ>κυνέοντι, δεσπότην <ἐμὲ δεσποτᾶν>
10 καὶ μέγαν βασιλῆα φωνέοντες.

Grã riqueza é para mim gládio e lança,
belo escudo que me protege a pele:
pois com isso planto, com isso colho,
co’ isso piso o doce vinho das vinhas,
5 com isso chamam-me mestre de servos.
Mas quem não ousa tomar gládio ou lança,
nem belo escudo que protege a pele,
a esses só resta caírem prostrados
ao meu joelho, de mestre dos mestres
10 me proclamarem, e de grande rei.

Cf. Eustátio, *Od.* 1574.7. Acerca de Hítrias, cf. Hesíquio, *Léxico*, ι 128, onde se diz que um Hítrias (ou Ítrias) de Creta compôs uma marcha musical (*ἐμβατήριος*). Os acréscimos no verso 9 são, respectivamente, de Bergk e Crusius.

Ateneu, 15.696b-d (PMG 842): de Aristóteles.

Ἀρετὰ πολύμοχθε γένει βροτείῳ,
θήραμα κάλλιστον βίῳ,
σᾶς πέρι, παρθένε, μορφᾶς
καὶ θανεῖν ζηλωτὸς ἐν Ἑλλάδι πότμος
5 καὶ πόνους τλῆναι μαλεροῦς ἀκάμαντας·
τοῖον ἐπὶ φρένα βάλλεις
καρπὸν ἰσαθάνατον χρυσοῦ τε κρείσσω
καὶ γονέων μαλακαυγήτιό θ' ὕπνου.
σεῦ δ' ἔνεκεν <καὶ> ὁ δῖος
10 Ἡρακλῆς Λήδας τε κοῦροι
πόλλ' ἀνέτλασαν ἐν ἔργοις
σὰν ἀγρεύοντες δύναμιν·
σοῖς τε πόθοις Ἀχιλλεὺς Αἴ-
ας τ' Αἶδαο δόμους ἦλθον·
15 σᾶς δ' ἔνεκεν φιλίου μορφᾶς Ἀταρνέος
ἔντροφος ἀελίου χήρωσεν αὐγᾶς.
τοιγὰρ αἰοίδιμος ἔργοις,
ἀθάνατόν τέ μιν αὐξήσουσι Μοῦσαι,
Μναμοσύνας θύγατρεις, Δι-
20 ὸς ξενίου σέβας αὔξου-
σαι φιλίας τε γέρας βεβαίου.

Virtude, que muitas penas dá ao homem,
tu és a mais bela presa desta vida:
por causa de tua beleza, donzela,
mesmo a morte é invejável sorte na Hélade,
5 e o sofrer contínuo e violento esforço.
És de tal forma que no ânimo inspiras
fruto à imortalidade igual, melhor
do que ouro, antepassados, doce sono.
E, por tua causa, também o divino
10 Hércules e os filhos ambos de Leda
muito padeceram nos seus trabalhos,
todos caçando para si a tua força;
por te desejarem, Aquiles e Ajax
à morada do deus Hades chegaram;
15 por apego à tua beleza, o tirano
de Atarneia desolou os solares raios.
Assim, por seus trabalhos celebrado,
à imortalidade o elevarão as Musas,
descendentes da Memória, exaltando
20 do hospitaleiro Zeus a majestade,
o privilégio da amizade sólida.

Cf. Diógenes Laércio, 5.6ss.; Dídimos, comentário a Demóstenes, 10.32, col. 6.18ss. (P. Berol. inv. 9780, prim. ed. Diels-Schubart, 1904, reed. Pearson-Stephens, 1983). No verso 9, *καὶ* foi suprido por Page.

πολύξεναι νεάνιδες ἀμφίπολοι
Πειθοῦς ἐν ἀφνειῷ Κορίνθῳ,
αἶ τε τὰς γλωρᾶς λιβάνου ξανθὰ δάκρη
θυμιᾶτε, πολλάκι ματέρ' Ἐρώτων
οὐρανίαν πτάμεναι
5 νόηματι πρὸς Ἀφροδίταν.

ὑμῖν ἄνευθ' ἐπαγορίας ἔπορεν,
ὦ παῖδες, ἐρατειναῖς <ἐν> εὐναῖς
μαλθακᾶς ὥρας ἀπὸ καρπὸν δρέπεσθαι.
9 σὺν δ' ἀνάγκῃ πᾶν καλόν . . .

.
.
.
13 ἀλλὰ θαυμάζω, τί με λεξοῦντι Ἴσθμοῦ
δεσπότηι τοιάνδε μελίφρονος ἀρχὰν
εὐρόμενον σκολιοῦ,

15 ξυνάορον ξυναῖς γυναιξί.

16 ἐδιδάξαμεν χρυσὸν καθαρᾷ βασάνῳ.

.
ὦ Κύπρου δέσποινα, τεὸν δεῦτ' ἐς ἄλσος
φορβάδων κορᾶν ἀγέλαν ἐκατόγγυ-
ον Ξενοφῶν τελέαις
20 ἐπήγαγ' εὐχολαῖς ἰανθείς.

Mui hospitaleiras moças, atendentes
de Persuasão na opulenta Corinto,
vós que áureas lágrimas de fresco incenso
queimais, que mil vezes à mãe de Amores –
à celestial Afrodite –
5 rápido voaram em pensamento:

a vós ela concedeu que sem culpa,
garotas, nas vossas amáveis camas
colhêsseis fruto que é gentil e jovem.
9 Sob compulsão tudo é belo . . .

.
.
.
13 Pergunto-me o que de mim dirão os déspotas
do Istmo ao descobrirem um tal começo
deste delicioso *skólion*

15 em comunhão com públicas mulheres.

16 Vê-se o ouro com pura pedra de toque.

.
Senhora Cípria, a teu sacro precinto
uma manada de cem jovens éguas
trouxe em paga Xenofonte,
20 alegre pelo cumprir de suas preces.

São estes os fragmentos do *skólion* dedicado às vitórias de Xenofonte de Corinto. Existe uma assonância no v. 15, que talvez pudesse ser mantida adaptando a tradução para “compartilhado com mulheres compartilhadas”. Os versos 3-4 trazem emendas de Tittmann; o 5, de Wilamowitz; o 6, de Meineke; o acréscimo no 7 é de Boeckh; no verso 13, *Ἰσθμοῦ* é emenda de Casaubon.

Referências

ARISTÓFANES. *Clouds, Wasps, Peace*. Edição e tradução de J. Henderson. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 1998.

ATENEU DE NÁUCRATIS. *Dipnosophistarum Libri XV*. Vol. 3. Edição de G. Kaibel. Leipzig: Teubner, 1890.

_____. *The Learned Banqueters, Book 15; Indexes*. Edição de S. D. Olson. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 2012.

BUNSE, H. A. *As Biografias de Homero*. Porto Alegre: Edições URGs, 1974.

CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric*. Vol. 5. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 1993.

COLLINS, D. *Master of the Game: Competition and Performance in Greek Poetry*. Hellenic Studies Series 7. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2004. Disponível em: <<https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/6728.derek-collins-master-of-the-game-competition-and-performance-in-greek-poetry>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Diogenes Laertius: Lives of Eminent Philosophers*. Edição de T. Dorandi. Cambridge Classical Texts and Commentaries. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 (reimpr.).

EDMONDS, J. M. *The Fragments of Attic Comedy*. Vol. II. Leiden: E. J. Brill, 1959.

_____. *Lyra Graeca*. Vol. 3. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 1980 [1927].

FÓCIO. *Bibliothèque*. Tomo V (códices 230-241). Edição e tradução de R. Henry. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

FORD, A. *Aristotle as Poet: the Song for Hermias and its Contexts*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

GERBER, D. E. (Ed.). *A Companion to the Greek Lyric Poets*. Leiden; Nova York; Colônia: Brill, 1997.

GREENE, W. C. (Ed.). *Scholia Platonica*. Haverford: American Philological Association, 1938.

LAMBIN, G. L'Origine du Σκόλιον. *Eranos*, v. 91, p. 32-37, 1993.

PAGE, D. L. *Poetae Melici Graeci*. Oxford: The Clarendon Press, 1962. (= *PMG*)

PÍNDARO. *Nemean Odes, Isthmian Odes, Fragments*. Edição de W. H. Race. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 2012 [¹1997].

PLATÃO. *Gorgias*. Tradução de A. Croiset e introdução de J.-F. Pradeau. Paris: Les Belles Lettres, 2002 [1997].

PLUTARCO. *Moralia, vol. XIV*. Edição de B. Einarson & Ph. H. de Lacy. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 1967.

TEODORSSON, S. T. The Etymology of *Scolion*. *Eranos*, vol. 87, p. 127-132, 1989.

TORRANO, J. A. A. O certame Homero-Hesíodo. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 9, pp. 215-24, junho de 2005.

Van GRONINGEN, B. A. (Ed.). *Pindare au Banquet*. Leiden: A. W. Sijthoff, 1960.

VETTA, M. (Ed.) *Poesia e Simposio nella Grecia Antica: Guida Storica e Critica*. Roma & Bari: Laterza, 1983

Data de envio: 31-08-2018

Data de aprovação: 13-04-2019

Data de publicação: 05-10-2019